Educar o coração

Os sentimentos formam-se especialmente durante a infância. Aprende-se a amar desde pequenino e os principais mestres são os pais, como se salienta neste artigo sobre a família.

24 de janeiro de 2012

A educação é um direito e um dever dos pais que prolonga, de algum modo, a geração; pode dizer-se que o filho, enquanto pessoa, é o fim primário para o qual tende o amor dos esposos em Deus. A educação aparece, assim, como a continuação do amor que trouxe a vida ao filho, onde os pais procuram dar-lhe os recursos para que possa ser feliz, capaz de assumir o seu lugar no mundo com garbo humano e sobrenatural.

Os pais cristãos vêem em cada filho uma mostra da confiança de Deus e educá-los bem é – como dizia S.Josemaria – ***o melhor negócio***; um negócio que começa na conceção e dá os seus primeiros passos na educação dos sentimentos, da afetividade. Se os pais se amam e vêem no filho o culminar da sua entrega, educá-lo-ão no amor e para amar; dito de outro modo: cabe aos pais, em primeiro lugar, educar a afetividade dos filhos, normalizar os seus afetos, conseguir que sejam crianças serenas.

Os sentimentos formam-se de um modo especial durante a infância. Depois, na adolescência, podem produzir-se as crises afetivas e os pais hão-de colaborar para que os filhos as solucionem. Se em pequenos foram criados calmos, estáveis, superarão com mais facilidade esses momentos difíceis. Além disso, o equilíbrio emocional favorece o crescimento dos hábitos da inteligência e a vontade; sem harmonia afetiva, é mais difícil o desenvolvimento do espírito.

Logicamente, uma condição imprescindível para edificar uma boa base afetivo-sentimental é que os pais procurem aperfeiçoar a sua própria estabilidade emocional. Como? Melhorando o convívio familiar, cuidando da sua união, demonstrando – com prudência – o seu amor mútuo diante dos filhos. No entanto, por vezes tendemos a pensar que os afetos ou os sentimentos transbordam o âmbito educativo familiar; talvez porque parece que são algo que *sucede*, que escapa ao nosso controlo e não podemos alterar. Chega-se, inclusivamente, a vê-los numa perspetiva negativa; pois o pecado desordenou as paixões e estas dificultam o agir racionalmente.

NA ORIGEM DA PERSONALIDADE

Esta atitude passiva ou mesmo negativa, presente em muitas religiões e tradições morais, contrasta fortemente com as palavras que Deus dirigiu ao profeta Ezequiel: **dar-lhes-ei um coração de carne, para que sigam os meus preceitos, guardem as minhas leis e as cumpram**[1]. Ter um coração de carne, um coração capaz de amar, apresenta-se como uma realidade criada para seguir a vontade divina: as paixões desordenadas não seriam tanto um fruto do *excesso* de coração como a consequência de possuir um *mau* coração, que deve ser curado. Cristo assim o confirmou: **o homem bom, do bom tesouro do seu coração retira o bem; o homem mau, do mau tesouro tira o mal: porque a boca fala da abundância do coração**[2]. Do coração do homem saem as coisas que o fazem impuro[3], mas também todas as coisas boas.

O homem necessita dos afetos, pois são um poderoso motor para a ação. Cada um tende para o que lhe agrada e a educação consiste em ajudar a que essas tendências coincidam com o bem da pessoa. Cabe comportar-se de modo nobre e com paixão; o que há de mais natural do que o amor de uma mãe pelo seu filho? E como esse carinho estimula a fazer tantos atos de sacrifício, levados com alegria! E, diante de uma realidade que, por qualquer motivo, é desagradável, quão mais fácil é evitá-la! Num determinado momento, aperceber-se da “fealdade” de uma ação má, pode ser um motivo mais forte para não a cometer do que milhares de raciocínios.

Evidentemente, isto não deve confundir-se com uma visão sentimentalista da moralidade. Não se trata de que a vida ética e o trato com Deus devam abandonar-se aos sentimentos. Como sempre, o modelo é Cristo: n’Ele, perfeito Homem, vemos como afetos e paixões cooperam no reto agir: Jesus comove-Se diante da realidade da morte e faz milagres; em Getsemani, encontramos a força de uma oração que dá origem a sentimentos vivíssimos; invade-O inclusivamente a paixão da ira – boa neste caso – quando restitui ao Templo a sua dignidade[4]. Quando se deseja verdadeiramente algo, é normal que o homem se apaixone. Pelo contrário, é pouco agradável ver alguém fazer as coisas só por cumprir, com pouca vontade, sem pôr nelas o coração. Mas isto não significa deixar-se arrastar pelos afetos; se bem que o mais importante é pôr a cabeça no que se faz, o sentimento dá cordialidade à razão, faz com que o bom seja agradável; a razão – por seu lado – proporciona luz, harmonia e unidade aos sentimentos.

FACILITAR A PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

Na constituição do homem, as paixões têm como finalidade facilitar a ação voluntária, mais do que desvanecê-la ou dificultá-la. «A perfeição moral consiste em que o homem não seja movido ao bem apenas pela sua vontade, mas também pelo seu apetite sensível de acordo com estas palavras do salmo: "O meu coração e a minha carne gritam de alegria para o Deus vivo" (Sal 84,3)»[5]. Por isso, não é conveniente querer suprimir ou "controlar" as paixões, como se fossem algo mau ou recusável. Embora o pecado original as tenha desordenado, não as desnaturalizou, nem as corrompeu de um modo absoluto e irreparável. É preciso orientar a emotividade de modo positivo, dirigindo-a para os bens verdadeiros: o amor a Deus e aos outros. Daí que os educadores, os pais em primeiro lugar, devam procurar que o educando, na medida do possível, desfrute fazendo o bem.

Formar a afetividade requer, em primeiro lugar, facilitar que os filhos se conheçam, e que *sintam*, de um modo proporcionado à realidade que despertou a sua sensibilidade. Trata-se de ajudar a superar, a transcender, aquele afeto até ver na sua justa medida a causa que o provocou. Talvez o resultado dessa reflexão seja a tentativa de influenciar positivamente para modificar tal causa; noutras ocasiões – a morte de um ser querido, uma doença grave – a realidade não se poderá mudar e será o momento de ensinar a aceitar os acontecimentos como vindos da mão de Deus, que nos ama como um Pai ao seu filho. Outras vezes, a propósito de uma irritação, de uma reação de medo, ou de uma antipatia, o pai ou a mãe podem falar com os filhos, ajudando-os a entender – na medida do possível – o motivo dessa sensação, de modo a poderem superá-la; assim, conhecer-se-ão melhor a si próprios e serão mais capazes de pôr o mundo dos afetos no seu lugar.

Além disso, os educadores podem preparar a criança ou o jovem para que reconheça – neles próprios e nos outros – um determinado sentimento. É preciso criar situações, como as histórias da literatura ou do cinema, através das quais seja possível aprender a dar respostas afetivas proporcionadas, que colaborem para modelar o mundo emocional do homem. Um relato interpela quem o vê, lê ou escuta e move os seus sentimentos numa determinada direção e acostuma-o a um determinado modo de olhar a realidade. Dependendo da idade – neste sentido, a influência pode ser maior quanto mais pequena for a criança – uma história de aventuras, ou de "suspense", ou então um relato romântico, podem contribuir para reforçar os sentimentos adequados perante situações que objetivamente os merecem: indignação frente à injustiça, compaixão pelos desvalidos, admiração com respeito do sacrifício, amor diante da beleza. Contribuirá, além disso, para fomentar o desejo de possuir esses sentimentos, porque são formosos, fontes de perfeição e de nobreza.

Bem orientado, o interesse pelas boas histórias também educa progressivamente o gosto estético e a capacidade de discriminar as que possuem qualidade. Isto fortalece o sentido crítico e é uma eficaz ajuda para prevenir a falta de tom humano, que por vezes degenera em vulgaridade e em descuido do pudor. Sobretudo nas sociedades do chamado primeiro mundo, generalizou-se um conceito de "espontaneidade" e "naturalidade" que com frequência é alheio ao decoro. Quem se habitua a esse tipo de ambientes – independentemente da idade – acaba por rebaixar a sua própria sensibilidade e animalizar (ou frivolizar) as suas reações afetivas; os pais hão-de comunicar aos filhos uma atitude de recusa da vulgaridade, também quando não se fale de questões diretamente sensuais.

De resto, convém recordar que a educação da afetividade não se identifica com a educação da sexualidade: esta é apenas uma parte do campo emotivo. Mas, certamente, quando se conseguiu criar um ambiente de confiança na família será mais fácil que os pais falem com os filhos sobre a grandeza e o sentido do amor humano e lhes dêem, pouco a pouco, desde pequenos, os recursos – através da educação dos sentimentos e das virtudes – para orientar adequadamente essa faceta da vida.

UM CORAÇÃO À MEDIDA DE CRISTO

Em resumo, a educação das emoções procura fomentar nos filhos um coração grande, capaz de amar verdadeiramente Deus e os homens, capaz de ***sentir as preocupações dos que nos rodeiam, saber perdoar e compreender: sacrificar-se, com Jesus Cristo, por todas as almas***[6]. Uma atmosfera de serenidade e exigência contribui, como que por osmose, para dar confiança e estabilidade ao complexo mundo dos sentimentos. Se os filhos se sentem queridos incondicionalmente, se verificam que agir bem é motivo de alegria para os pais e que os seus erros não levam a que se lhes retire a confiança, se se lhes facilita a sinceridade e que manifestem as suas emoções… crescem com um clima interior habitual de ordem e sossego, onde predominam os sentimentos positivos (compreensão, alegria, confiança), enquanto que o que tira a paz (zanga, birra, inveja) é entendido como um convite para ações concretas como pedir desculpa, perdoar, ou ter algum gesto de carinho.

São precisos corações apaixonados pelas coisas que valem realmente a pena; apaixonados, sobretudo, por Deus[7]. Nada ajuda mais a que os afetos amadureçam do que deixar o coração no Senhor e no

cumprimento da Sua vontade; para isso, como ensinava S.Josemaria, há que ***lhe pôr sete ferrolhos, um por cada pecado capital***[8]: porque em todo o coração há afetos que são só para serem entregues a Deus e a consciência perde a paz quando os dirige para outras coisas. A verdadeira pureza da alma passa por fechar as portas a tudo o que implique dar às criaturas, ou ao próprio eu, o que pertence a Cristo; passa por "assegurar" que a capacidade da pessoa para amar e querer esteja ajustada e não desarticulada. Por isso, a imagem dos sete ferrolhos vai para além da moderação da concupiscência, ou da preocupação excessiva pelos bens materiais; recorda-nos que é preciso lutar contra a vaidade, controlar a imaginação, purificar a memória, moderar o apetite nas refeições, fomentar a convivência amável com quem nos irrita… O paradoxo está em que, quando se põem "grilhões" ao coração, aumenta-se a sua liberdade para amar com todas as suas forças inalteradas.

A humanidade Santíssima do Senhor é o cadinho em que melhor se pode afinar o coração e os seus afetos. Ensinar os filhos desde pequenos a tratar Jesus e Sua Mãe com o mesmo coração e manifestações de carinho com que amam os pais na terra favorece, na medida da sua idade, que descubram a verdadeira grandeza dos seus afetos e que o Senhor se introduza nas suas almas. Um coração que guarda a sua integridade para Deus, possui-se inteiramente e é capaz de se dar totalmente.

Nesta perspetiva, o coração converte-se num símbolo de profunda riqueza antropológica: é o centro da pessoa, o lugar em que as potências mais íntimas e elevadas do homem convergem e onde a pessoa arranja as energias para agir. Um motor que deve ser educado – cuidado, moderado, afinado – para que oriente toda a sua potência na direção justa. Para educar assim, para poder amar e ensinar a amar com essa força, ***é preciso que cada um expulse da sua vida tudo o que estorva a Vida de Cristo em nós: o apego à nossa comodidade, a tentação do egoísmo, a tendência à exaltação pessoal. Só reproduzindo em nós a Vida de Cristo, poderemos transmiti-la aos outros***[9]. Com a correspondência à graça e a luta pessoal, a alma vai-se endeusando e, pouco a pouco, o coração torna-se magnânimo, capaz de dedicar os seus melhores esforços na consecução de causas nobres e grandes, na realização do que se apercebe como a vontade de Deus.

Em alguns momentos, o homem velho procurará recuperar os foros perdidos; mas a maturidade afetiva – uma maturidade que, em parte, é independente da idade – faz com que o homem olhe para além das suas paixões para descobrir o que as desencadeou e como deve reagir face a essa realidade. E contará sempre com o refúgio que o Senhor e Sua Mãe lhe oferecem. ***Acostuma-te a pôr o teu pobre coração no Doce e Imaculado Coração de Maria, para que to purifique de tanta escória e te leve ao Coração Sacratíssimo e Misericordioso de Jesus***[10].

J.M. Martín, J. Verdiá

---

[1] *Ez* 11, 19-20.

[2] *Lc* 6, 45.

[3] Cfr. *Mc* 7, 20-23.

[4] Cfr. *Mc* 5, 40-43; 14, 32ss; 11, 15-17.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1770.

[6] S.Josemaria, *Cristo que passa*, n. 158.

[7] Cfr. S.Josemaria, *Sulco*, n. 795.

[8] S.Josemaria, Tertúlia em La Lloma (Valência), 7-I-1975, em P. Rodríguez (ed.), *Camino*. *Edición crítico-histórica*, Rialp, Madrid 20043, pág. 384; cfr. S.Josemaria, Caminho, n. 188.

[9] S.Josemaria, *Cristo que passa*, n. 158.

[10] S.Josemaria, *Sulco*, n. 830.